



LIVRO VERMELHO DOS
MAMÍFEROS
DE PORTUGAL CONTINENTAL

Para efeitos bibliográficos, este livro deve ser citado da seguinte forma:

Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.)(2023). *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

A citação de cada capítulo deve seguir os termos da referência bibliográfica disponível no final do respectivo capítulo. A título de exemplo, esta citação deve obedecer ao seguinte formato base:

Santos-Reis M, Mira A & Lopes-Fernandes M (2023). *Mustela putorius* toirão. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.

Apoio financeiro, beneficiários e parceiros

Este projeto é co-financiado pelo PO SEUR (POSEUR-03-2215-FC-000097), Portugal 2020, União Europeia – Fundo de Coesão e pelo Fundo Ambiental.

Teve como beneficiário a FCIências.ID – Associação para a Investigação e Desenvolvimento de Ciências e como parceiro o ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas.

A coordenação técnico-científica ficou a cargo do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto da Conservação da Natureza e Florestas (ICNF), e contou como parceiros de execução com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Universidade de Aveiro (UA), Universidade de Évora (UE), ICETA – Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto (CIBIO-InBIO) e Mesocosmo – Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda.

Consulta e download da publicação em:

<https://livrovermelhosmamiferos.pt>

Cofinanciado por:



Beneficiário:



Parceiro:



Entidades participantes:



Apoios:

BONDALTI

REN



Rhinolophus hipposideros (Bechstein, 1800)

Morcego-de-ferradura-pequeno

Taxonomia

Chiroptera, Rhinolophidae

Ocorrência

Residente – Res

Categoria

POUCO PREOCUPANTE – LC

Fundamentação: Espécie abundante e com uma ampla distribuição no território continental. A alteração da categoria de VU na anterior avaliação (Cabral *et al.* 2005) para LC, resulta do aumento do conhecimento.

Distribuição

Global: Amplamente distribuída na região mediterrânica, estando presente em todos os países europeus (incluindo ilhas) nesta região. A distribuição estende-se ainda para norte, até à zona sudoeste da Irlanda e Inglaterra (Taylor 2016). No norte de África pode ser encontrada em Marrocos, Argélia, Tunísia, Líbia e Egípto (Puechmaile *et al.* 2012, Bendjeddou *et al.* 2022), até à região envolvente do Mar Negro, Ásia Menor e de Levante,

e de forma fragmentada até à Arábia ocidental (Taylor 2016).

Portugal: Distribuição contínua em Portugal Continental abrangendo praticamente todo o território nacional. A Área de Ocupação estimada é inferior a 2000 km², com uma Extensão de Ocorrência estimada superior a 20 000 km².

População e Tendência

População: A longevidade máxima conhecida é de 21 anos com um tempo geracional estimado de 7,1 anos. As fêmeas normalmente só se reproduzem no segundo ano de vida (Pacifci *et al.* 2013). A população nacional ultrapassa os 10 000 indivíduos adultos. A tendência populacional é desconhecida (ICNF 2014) e não são conhecidas flutuações extremas ou fragmentação da população em Portugal Continental.

Tendência: Desconhecida.

Habitat e Ecologia

O morcego-de-ferradura-pequeno não é exclusivamente cavernícola. Hiberna tipicamente em minas e grutas (Crucitti & Cavalletti 2002), mas os abrigos de criação podem também ser encontrados em edifícios ou outras estruturas humanas (casas abandonadas, caves, sótãos) (Dietz *et al.* 2009). Os abrigos de criação albergam quase exclusivamente fêmeas, ocupando os machos abrigos separados. Apresenta um comportamento bastante sedentário e os abrigos de hibernação e criação raramente distam mais de 20-30 km (Gaisler & Chytil 2002). Caçam preferencialmente próximo dos abrigos, passando mais de metade do tempo num raio de 500 m destes, normalmente não se afastando mais de 2-3 km (Bontadina *et al.* 2002, Downs *et al.* 2016).

Caça quase exclusivamente na orla ou no interior de áreas florestadas, mas também pode usar zonas de vegetação ripícola ou zonas de matos mediterrânicos (Bontadina *et al.* 2002, Russo & Jones 2003). É um caçador oportunista e a dieta, composta essencialmente por pequenos insetos como dípteros, lepidópteros e neurópteros, está diretamente relacionada com a disponibilidade de presas (Bontadina *et al.* 2008, Mitschunas & Wagner 2015).



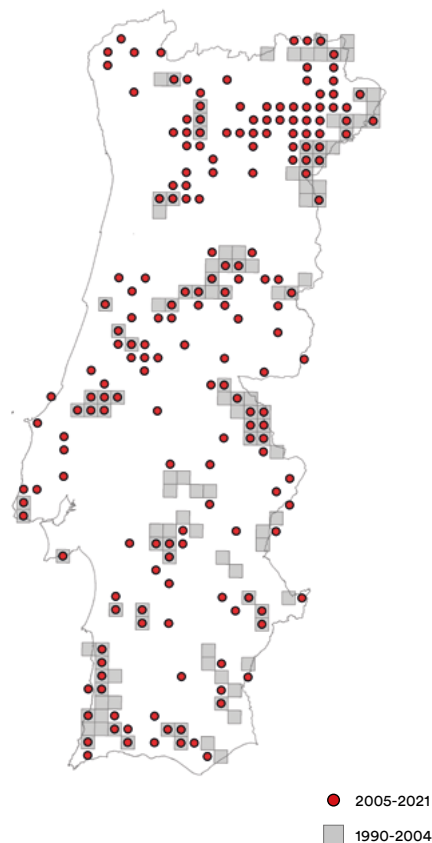
Rhinolophus hipposideros ©Nuno Cidraes-Vieira

Fatores de Ameaça

Apresenta especial vulnerabilidade a mudanças na paisagem que envolvam a diminuição de floresta autóctone, destruição de galerias ripícolas e a fragmentação de habitat (Reiter *et al.* 2013). A perturbação dos abrigos, incluindo o bloqueio das entradas por vegetação ou derrocadas, bem como a recuperação/requalificação de edifícios de forma inadequada, em especial os mais antigos, são dos principais fatores de ameaça (Dietz *et al.* 2009). Outra potencial ameaça é o uso de pesticidas que, para além de induzir uma diminuição no número de presas disponíveis, pode causar a morte dos efetivos por envenenamento devido à ingestão de insetos contaminados (Bontadina *et al.* 2000). Como exibe um voo lento e de baixa altitude, os atropelamentos são também um fator de risco (Medinas *et al.* 2013).

Medidas de Conservação

Deverão ser adotadas medidas de conservação e proteção legal dos principais abrigos de maternidade e de hibernação. De igual forma, a limpeza periódica da entrada de minas e grutas, as obras de manutenção de edifícios abandonados usados como abrigo, a implementação de planos de gestão visando a preservação da floresta autóctone e a redução da utilização de pesticidas nos habitats envolventes dos principais abrigos, devem ser igualmente considerados. Devido ao risco de atropelamento, em estradas (já existentes ou em construção), devem ser equacionadas medidas de mitigação de mortalidade, tais como a implementação de passagens para fauna (Abbott *et al.* 2012).



Legenda do Mapa

Ocorrências confirmadas do morcego-de-ferradura-pequeno *Rhinolophus hipposideros* em Portugal Continental nos períodos entre 1990 e 2004 e entre 2005 e 2021.

Citação recomendada desta ficha e avaliação:

Silva B (2023). *Rhinolophus hipposideros* morcego-de-ferradura-pequeno. In Mathias ML (coord.), Fonseca C, Rodrigues L, Grilo C, Lopes-Fernandes M, Palmeirim JM, Santos-Reis M, Alves PC, Cabral JA, Ferreira M, Mira A, Eira C, Negrões N, Paupério J, Pita R, Rainho A, Rosalino LM, Tapisso JT & Vingada J (eds.): *Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental*. FCIências.ID, ICNF, Lisboa.